

O Tuiuti

BOLETIM PROFISSIONAL DE HISTÓRIA MILITAR



2015 / Nº 137

Cães de Guerra Soldados e Parceiros





O TUIUTI

Informativo oficial da AHIMTB/RS

Órgão de divulgação das atividades da Academia de História Militar Terrestre do Brasil / Rio Grande do Sul (AHIMTB/RS) - Academia General Rinaldo Pereira da Câmara - e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS). Membro da Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB).

EDITOR

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Presidente da AHIMTB/RS
Vice do IHTRGS
lecaminha@gmail.com

PROJETO GRÁFICO/DESIGN

Fabricio Gustavo Dillenburg
Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis
Delegado AHIMTB/RS (DRHFPC)
nucleomilitar@gmail.com

ENDEREÇOS VIRTUAIS

acadhistoria@gmail.com
www.acadhistoria.com.br

O informativo **O Tuiuti** é uma publicação da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, seção Rio Grande do Sul e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul, com apoio do Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis e da Delegacia Regional AHIMTB/RS Gen Francisco de Paula Cidade. Seu objetivo é a divulgação dos trabalhos dessas entidades, bem como da História Militar em geral e temas relacionados. Os textos publicados expressam única e exclusivamente a opinião dos autores, não refletindo, necessariamente, a opinião da AHIMTB/RS, do IHTRGS, da FAHIMTB, ou de seus membros, como um todo. O material publicado está protegido por Leis Internacionais de Copyright. Para publicação e/ou redistribuição, por favor, entre em contato com o Editor. Todos os direitos reservados.



EDITORIAL

Desde os tempos das cavernas, o homem e os cães mantêm laços de amizade. Provavelmente tendo se aproximado dos nossos antepassados através dos restos de alimentos, antigos lobos dariam origem a uma infinidade de raças, que hoje nos acompanham. Na guerra, sabemos que gregos e romanos utilizaram cães de combate, empregando levas de animais ferozes, protegidos por armaduras com pontas, a fim de provocar o pânico e a confusão entre as linhas inimigas.

O Tuiuti apresenta, neste número, um artigo sobre os cães de guerra no Exército Brasileiro, fazendo um rápido apanhado de como esses animais são treinados e empregados no cotidiano militar. Curioso e esclarecedor, o artigo foi publicado, originalmente, na Revista Verde Oliva.

Na sequência, temos um artigo do General da Reserva Luiz Eduardo Rocha Paiva, que desvela os perigos de sermos uma "potência com pés de barro". A falta de visão governamental e os interesses escusos que marcam nosso país realçam problemas que poderiam ser evitados, caso nos comportássemos como a grande nação que somos. Nosso papel na política internacional, inclusive, acaba sendo prejudicado pela incapacidade de percepção de longo prazo, no que tange à importância das Forças Armadas.

Por fim, uma síntese curricular de Costa e Silva, governante nascido no Rio Grande do Sul, e que dirigiu o Brasil como nosso vigésimo sétimo Presidente.

F. G. Dillenburg (Co-Editor) por
Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Editor

CONTEÚDO

4 CÃES DE GUERRA NO EXÉRCITO

Artigo da Revista Verde Oliva

Envolvidos desde sempre em conflitos humanos, os cães se tornaram peça fundamental na guerra moderna.

8 BRASIL: PSEUDOPOTÊNCIA

por Gen Luiz Eduardo Rocha Paiva

Longe de bravatas pseudnacionalistas, precisamos de atitudes condizentes com o papel do Brasil no cenário mundial.

11 COSTA E SILVA

Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis

Síntese curricular do Marechal gaúcho, nosso 27º Presidente.





Cães de Guerra no Exército Brasileiro

Revista Verde Oliva, Ed. 225, Outubro de 2014

Desde a época das civilizações egípcia e grega, constam registros da utilização de cães em combate, ocorrendo, desde então, um crescente emprego desses animais nas áreas conflituosas.

Com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), os americanos, pela primeira vez em sua história, utilizaram cães em combates. Sem a necessidade de fardas, armamentos ou camuflagem, os cães foram empregados como entregadores de correspondências, farejadores de explosivos e até auxiliaram na instalação de fios de telégrafos.

Em decorrência da sua grande lealdade, coragem, força, rapidez, adaptabilidade e por seu faro apurado, várias raças de cães são utilizadas no apoio ao cumprimento de missões. Entre as mais empregadas, destacam-se o rottweiler, o pastor alemão e o labrador. Contudo, algumas raças se adaptam melhor na realização de determinadas tarefas; como exemplo o cão labrador, que é utilizado pelas Polícias Militar e Federal para farejar drogas ou localizar e resgatar pessoas. Outras raças apresentam maior rendimento nas missões de patrulha, defesa de instalações e, até mesmo, em salto de paraquedas.

Uma das utilizações mais recentes de cães em combate aconteceu na operação de eli-

minação do terrorista Osama Bin Laden, líder da rede terrorista Al Qaeda e mentor dos ataques terroristas nos Estados Unidos, em 11 de setembro de 2001. O cão estava junto com os militares do SEAL (Sea-Air-Land Team), grupo de elite dos Estados Unidos que realizou a ação.

Cães de Guerra no EB

No Exército Brasileiro, o emprego de cães é pequeno se comparado com países como os Estados Unidos, Portugal, Rússia, Inglaterra e Alemanha, que os empregam nas operações militares há mais tempo, devido às qualidades naturais

**“NO EXÉRCITO
BRASILEIRO, O
EMPREGO DE CÃES
É PEQUENO, SE
COMPARADO COM
OUTROS PAÍSES, QUE
OS EMPREGAM HÁ
MAIS TEMPO.”**

do animal. De acordo com um Boletim do Exército de janeiro de 2011, existiam 350 cães nos quartéis do Brasil e eram empregados em operações de Garantia da Lei e da Ordem, em tarefas de controle de distúrbios, busca de drogas e na segurança de instalações. O emprego desses animais aumentou com a realização de grandes eventos no Brasil,

como a Copa das Confederações, a visita do Papa Francisco e a Copa do Mundo.

O adestramento e o treinamento dos cães de guerra são realizados nas Organizações Militares do Exército, em geral nos Batalhões de Polícia do Exército e nos Batalhões de Guarda, dotadas de canil que, entre outras responsabilidades, realizam o controle profilático e o atendimento clínico-cirúrgico dos animais. Para isso, sempre que possível, o canil é equipado com um centro radiológico, centro cirúrgico, ambulatório e um laboratório.

O treinamento dos cães filhotes tem início logo após o desmame, que ocorre em torno de 40 dias. Normalmente, são filhotes de cães selecionados e testados tanto no serviço diário quanto nas competições de adestramento.

A partir do desmame, os treinamentos estimulam os impulsos de caça e familiarizam o filhote com os diferentes ambientes e situações – automóveis, instalações, matas, caixas de transporte, barulhos de tiro, megafone, luzes do rotorlight da viatura policial, entre outros – que o animal poderá encontrar quando empregado. A criação de um forte vínculo entre o cão e seu condutor também ocorre nessa fase. Esse treinamento é curto, porém intenso. A partir do desmame, somente o condutor do filhote deverá

ter acesso a ele. Alimentação, limpeza do box, tratos diários, como rasqueamento e banhos, sempre são executados pelo condutor.

O treinamento dos cães adultos segue uma rotina de treinos até o último dia de serviço. Essa rotina consiste em treinos de obediência, faro e proteção (ataque). Após a formação dos cães, os treinos são conduzidos com a simulação de situações de emprego em diferentes cenários. Os erros são corrigidos e os acertos confirmados.

Cães Paraquedistas

Os cães de guerra possuem longa trajetória na história da Brigada de Infantaria Paraquedista. Além de atuar nas áreas de segurança do aquartelamento, em operações de garantia da lei e da ordem, patrulhas a pé e no controle de distúrbios; contribuem na divulgação da atividade paraquedista militar, principalmente com a realização de saltos, em inúmeras demonstrações, desde a década de 1950.

O pioneiro e mais famoso foi o “Piloto”, um cão da raça pastor alemão. Por ser companheiro dos paraquedistas e por estar acostumado a correr entre a tropa, surgiu a ideia de realizar, com ele, uma “área de estágio” especial. Após o treinamento com saltos da torre, entre outros procedimentos,

Piloto executou os cinco saltos de qualificação, sendo o último no dia 26 de julho de 1951, a bordo da aeronave C-47 – 2063, sobre a zona de lançamento do Gramacho, tendo sempre sido lançado pelo seu adestrador.

No dia seguinte, na companhia de 52 novos paraquedistas militares, participou da cerimônia de brevetação, quando também recebeu o seu brevê. Ao todo, Piloto deu 46 saltos e faleceu, em 1954, por motivos de doença. A partir do Piloto, muitos foram os cães que se destacaram no adestramento e nos saltos de paraquedas.

Embora a Brigada de Infantaria Paraquedista tenha consolidado o conhecimento para o lançamento de cães a partir de aeronaves militares em voo, ocorreu um hiato de mais de 20 anos sem a realização dessa atividade. Em 2011, foi resgatado o lançamento com o Cão Adam, do 36º Pelotão de Polícia do Exército Para-

quedista, com a realização de estudos para modernizar os procedimentos de lançamento e os equipamentos. Adam realizou seu primeiro salto durante a Operação Saci, no dia 19 de novembro de 2011, na zona de lançamento de Itaguaí (RJ), e atuou, ainda, nas seguintes missões: Operação Arcanjo (Pacificação dos Complexos do Alemão e da Penha), Operação América (segurança do Presidente dos EUA), e Conferência da ONU – Rio +20. Devido à idade avançada, Adam foi aposentado; porém, continua no Pelotão.

No 8º Grupo de Artilharia de Campanha Paraquedista (8º GAC Pqdt), Pércius é um cão da raça rottweiler com três anos de idade que recebeu todos os treinamentos militares necessários para se tornar um cão de guerra.

CÃO PARAQUEDISTA V

Foto icônica de cachorro paraquedista: um Rottweiler, de nome Adam, saltou na Base Aérea do Afonso (BAAF). Ele participou de diversas ações militares, inclusive em favelas. (Foto: Divulgação/FAB)





^ APRENDIZADO FRUTÍFERO

O emprego de cães no 1º Batalhão de Guardas (Batalhão do Imperador - 1823) proporcionou possibilidades de ação diferenciadas à tropa, inclusive como instrumento de comunicação social, com importante ação psicológica.

Pércius conseguiu passar nas duas fases que exigem do cão a pronta resposta a comandos de controle (ordens à voz); a execução de treinamentos físicos, como natação, passagem de obstáculos, ação reflexa de atacar pessoas a comando; e a passagem na câmara de gás, local fechado onde os instrutores espalham o gás lacrimogêneo, a fim de o animal ter um primeiro contato com o gás que poderá ser utilizado em operações de Garantia da Lei e da Ordem, mais precisamente em manifestações. Além de todos esses testes aplicados, nos quais o cão foi aprovado com êxito, Pércius foi submetido a testes específicos para se tornar um cão paraquedista.

No Centro de Instrução Paraquedista General Penha Brasil, tradicional e único centro de formação de paraquedistas

do Brasil, o cão passou por treinamentos, testes e simulações, a fim de ser lançado de uma aeronave militar em voo. Passou pelo lançamento da torre, pela simulação dentro de um falso avião e pelo “balanço”, nome dado a um dispositivo que simula o movimento de aproximação de um paraquedista ao solo.

Após duas semanas de treinamento básico paraquedista, Pércius saltou de uma Aeronave C-105 Amazonas, na Base Aérea de Afonsos (Rio de Janeiro). Após todos os treinamentos e, principalmente, do salto, recebeu o brevê de paraquedista, na formatura de brevetação, no dia 15 de dezembro de 2012.

No quartel, possui uma equipe de adestradores a sua disposição que, entre outros cuidados, se preocupa com o banho e com a ração selecionada. Pela manhã, realiza treinamento físico com corrida ou com natação.

Durante o ano de 2012, Pércius esteve presente em operações como a Rio + 20, Conferência das Nações Unidas realizada no Rio de Janeiro, participando da segurança do Centro de Coordenação e Controle do 8º GAC Pqdt; foi empregado durante as Eleições 2012, realizando a segurança da base de operações onde o quartel se encontrava; participou do desfile cívico-militar de 7 de setembro e, também, da novela Salve Jorge, da Rede Globo de Televisão.

No dia 17 de dezembro de 2013, ocorreu a brevetação de mais um cão paraquedista no 8º GAC Pqdt. O Cão Iron, da raça rottweiler, após passar por treinamentos, testes e simulações durante duas semanas, realizou o salto de uma aeronave C-105 Amazonas, juntamente com seu cinófilo, na zona de lançamento de Itaguaí.



PSEUDOPOTÊNCIA



*“Entre todos os males, estar desarmado
significa ser desprezível.”
Maquiavel, O Príncipe*

Gen Luiz Eduardo Rocha Paiva

O desfecho da iniciativa diplomática brasileira no Oriente Médio demonstrou os limites do poder de um país cuja ação na cena internacional só é relevante nos temas da área econômica. Essa limitação revela uma fraqueza que será ainda mais evidente quando entrarem em choque interesses nacionais e os dos países que efetivamente conduzem os destinos do mundo, em função da projeção desses últimos, seja em nosso entorno estratégico, seja diretamente sobre o nosso patrimônio.

Somos uma potência com pés de barro, cuja expressão mundial depende principalmente da exportação de commodities com baixo valor agregado, da prestação de serviços por algumas empresas e instituições e do atrativo mercado interno.

Relevância econômica, mas não militar.

Há um desequilíbrio interno fruto da indigência bélica; da debilidade nas áreas de educação, indústrias de valor estratégico, ciência, tecnologia e inovação; da crise de valores morais; e da falta de civismo. Desse quadro, emergem graves vulnerabilidades para enfrentar os conflitos que se avizinham.

O mundo ficou pequeno e a América do Sul (AS) é um dos principais palcos de projeção da China, a ser seguida da Índia e da Rússia. O Brasil terá sua liderança regional ameaçada não só por esses novos competidores, pois os EUA intensificarão a presença na AS, a fim de não perder espaços estratégicos para poderosos rivais arrivistas.

A China passa a ser diretamente interessada na exploração dos recursos da AS – agrícolas, minerais, hídricos, e outros – incluindo, logicamente, os da Amazônia. Será menos arriscado China, Rússia e Índia unirem-se aos EUA e UE para impor limites à soberania na Amazônia e em outras regiões, visando condições vantajosas no aproveitamento de seus recursos, do que entrarem em conflito entre si.

Atrás da projeção político-econômica virá a militar, inicialmente pela cooperação, evoluindo para dissuasão e, possivelmente, para o emprego direto quando os interesses se tornarem importantes ou vitais. O Brasil e os vizinhos são os atores mais fracos e é desse lado que a corda arre-



^ NECESSIDADE DE MUDANÇA

Há um desequilíbrio interno fruto da indigência bélica; da debilidade nas áreas de educação, indústrias de valor estratégico, ciência, tecnologia e inovação; da crise de valores morais; e da falta de civismo.

benta. A história é uma sábia mestra e a da China no século XIX, fatiada em sua soberania e patrimônio e vilipendiada pelas potências da época, mostra o que pode acontecer aqui, pois a China era, então, a nova fronteira como hoje é a AS. Os “impérios” de ontem são as mesmas potências de hoje, com algumas novas presenças como a da Índia.

A perda do Acre pela Bolívia em 1903 é um alerta ao Brasil por sua política irresponsável na Amazônia, pois as semelhanças entre o evento do passado e o presente amazônico são preocupantes, particularmente no tocante às terras indígenas (TI). A Bolívia no Acre, por dificuldade, e o Brasil na Amazônia, por omissão, exemplificam vazios de poder pela fraca presença do Estado e de população nacional em regiões ricas e cobiçadas. O Acre, vazio de bolivianos, era

povoado por seringalistas e seringueiros brasileiros, respectivamente líderes e liderados, sem nenhuma ligação afetiva com a Bolívia. No Brasil, ONGs internacionais lideram os indígenas e procuram conscientizá-los de serem povos e nações não brasileiras, no que contam com o apoio da comunidade mundial. Portanto, enquanto no século XIX uma crescente população brasileira estava segregada na Bolívia, hoje o mesmo acontece com a crescente população indígena do Brasil, ambas sob lideranças sem nenhum compromisso com os países hospedeiros e sim com atores externos. Ao delegarem autoridade e responsabilidades a ONGs ligadas a nações e atores alienígenas, os governos brasileiros autolimitaram sua soberania como fez a Bolívia ao arrendar o Acre ao Bolivian Syndicate. Décadas de erros estratégicos enfraqueceram a soberania boliviana no Acre, direito não consumado, pois aqueles brasileiros revoltaram-se e o separaram da Bolívia, que aceitou vendê-lo ao Brasil.

A Amazônia brasileira nos pertence por direito, mas só a ocupação e integração farão a posse efetiva.

Em poucas décadas, haverá grandes populações indígenas desnacionalizadas e segregadas, ocupando imensas terras e dispostas a requerer autonomia com base na Declaração de Direitos dos Povos Indígenas, aprovada na ONU com apoio do Brasil. Se não atendidas, evocarão a Resolução que instituiu, em 2005, a Responsabilidade de Proteger, nome novo do antigo Dever de Ingerência. Hoje, há uma forte pressão para transformar TIs em territórios administrados por índios, inclusive com polícia indígena, iniciativa que reúne atores externos e internos, estes uma quinta coluna cuja atuação atende a objetivos alienígenas. Um sem-número de TIs, com maior autonomia que os estados da Federação, comprometerão a governabilidade e a integridade territorial num país que, muitos não percebem, ainda está em formação, pois não foi totalmente integrado.

Não é que a história se repita, mas situações semelhantes em momentos distintos costumam ter desfechos parecidos, para o bem ou para o mal, se as decisões estratégicas adotadas forem similares. Do militar e do diplomata espera-se percepção estratégica capaz de identificar possíveis ameaças, embora longínquas no tempo, antes que se tornem prováveis, pois aí será tarde demais. Cabe a eles, também, a coragem de asses-

sorar o Estado com franqueza, defendendo o interesse nacional mesmo com o risco de afrontar políticas imediatistas de governos de ocasião, que comprometam interesses vitais da Nação. Política exterior é diplomacia e defesa, e nenhuma das duas se improvisa.

No início dos anos 1990, quem alertou para a ameaça à soberania, quando a criação da reserva ianomâmi iniciou o processo de balcanização da Amazônia, foi considerado um visionário. Governos sem visão prospectiva e aptidão para avaliar riscos desprezaram a ameaça e fizeram o jogo das grandes potências, aceitando imposições que vêm criando paulatinamente, por meio de uma exitosa estratégia de ações sucessivas, as condições objetivas para a perda de soberania. Por importantes que sejam outras ameaças internacionais, esta é a mais grave. O resultado será desonroso para o país se sua liderança continuar adotando decisões utópico-internacionalistas-entreguistas, calcadas num discurso politicamente correto, mas moralmente covarde, pois não confessa que se troca soberania por interesses imediatistas ou ideológicos apátridas, camuflados sob bandeiras como a defesa dos direitos de minorias e a preservação do meio ambiente.

Assim, não se trata apenas de fraqueza militar, mas também da ausência de lideranças competentes e de estadistas que tracem políticas e estratégias capazes de limitar ou neutralizar vulnerabilidades.

Ao contrário, vêm tomando decisões desastrosas, cujo resultado será a contestação e limitação de nossa soberania na Amazônia, pela via indireta, que dispensará ou reduzirá significativamente a necessidade de emprego do poder militar. Eis o resultado de não ocupar, não povoar, não desenvolver, não defender e não preservar a Amazônia, bem como de segregar ao invés de integrar o indígena aos seus irmãos brasileiros.

É lamentável a sociedade esclarecida, seus representantes e lideranças, em setores decisórios do Estado e em muitas de suas instituições, aceitarem passivamente ou reagirem timidamente à mutilação do país, avalizada por sucessivos governos. Convém ressaltar que esse cenário foi construído, desde o início dos anos 1990, a partir da ascensão ao poder da esquerda, cujos discursos demagógicos e ilusórios de defesa dos bens materiais da Nação, do meio ambiente e dos direitos humanos, de revisão da história e de mudança de valores escondem o propósito real de viabilizar a estratégia gramscista

de tomada do poder, pela desagregação da sociedade nacional e o esfacelamento do Estado democrático.

É uma esquerda pseudonacionalista – internacionalista de fato – e pseudopatriota – populista de fato, que despreza a história, as tradições e os verdadeiros heróis nacionais. Não ama a Nação, mas sim sua ideologia, e não tem uma Pátria, mas sim um partido.

Para merecer e manter um patrimônio imensamente rico como o brasileiro, onde se inclui a nossa Amazônia, é preciso não um pseudonacionalismo de bravatas, demagógico e xenófobo, mas um patriotismo real e sincero, respaldado numa vontade nacional firme, ativa e corajosa para assumir os riscos dos conflitos que virão e, ainda, lideranças legítimas, confiáveis e efetivamente comprometidas com a Nação. Sem tais atributos, países, ainda que sejam fortes e ricos, não passam de pseudopotências.

•



SOBRE O AUTOR

Luiz Eduardo Rocha Paiva foi instrutor da AMAN e da EsAO. Possui Mestrado em Aplicações Militares na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Doutorado em Aplicações, Planejamento e Estudos Militares na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), escola da qual foi Cmt, e Pós-Graduação *Lato Sensu* em Política. É Membro-Efetivo da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB).



Costa e Silva

Síntese Curricular

Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis

Em 03 Out 1899 nascia em Taquari, região leste do RS, a o menino que se chamaria Arthur, filho do Sr. Aleixo Rocha da Silva e de dona Almerinda Mesquita da Costa e Silva, casal brasileiro de origem portuguesa da Ilha da Madeira.

Seu irmão, 15 anos mais jovem, nascido em 08 Jun 1904, chamava-se Riograndino, também militar, que foi Secretário particular do irmão mais velho em 1969.

Arthur cursou o ensino primário em sua terra natal. Foi aprovado com facilidade no Exame de Admissão ao Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), onde permaneceu de 1912 a 1917 (seis anos) tendo obtido excelente desempenho. Foi Comandante-Aluno, distinção conferida ao primeiro colocado na turma. Destacou-se também na parte cívica quando tocou clarinete na Banda do Colégio. No período,

Arthur foi colega de classe de um outro jovem que se destacaria na História do Brasil: Humberto de Alencar Castello Branco.

Do CMPA, Costa e Silva seguiu em 1918 para a Escola Militar do Realengo, Rio de Janeiro, onde realizou o Curso de Infantaria, concluído como 3º da turma, sendo declarado Aspirante a Oficial em 18 de janeiro de 1921 e classificado no 1º Regimento de Infantaria, Vila Militar.

Em 05 Jul 1922, no posto de 2º Tenente, Costa e Silva participou da tentativa de levante da Vila Militar no contexto do início do Movimento Tenentista contra a Política do Café-com-Leite. O 1º Tenente Costa e Silva foi detido sob a acusação de ter se recusado a participar da repressão aos revoltosos, mas foi anistiado em seguida.

Ao longo da carreira, Costa e Silva serviu na Escola de

Aperfeiçoamento de Oficiais da Armada e na Escola de Estado-Maior do Exército em 1922/23; participou da Revolução de 1930; foi promovido a capitão em agosto de 1931; integrou as forças governistas no combate à Revolução Constitucionalista de 1932 (Revolução Paulista); foi Diretor da Escola de Motomecanização do Exército no biênio 1941-43; foi membro da comissão encarregada de elaborar o Plano de Motomecanização do Exército em 1942; foi encarregado de organizar a tropa blindada da Força Expedicionária Brasileira-FEB em 1943. Em dezembro de 1943 foi promovido a coronel; foi comandante do Núcleo da Divisão Blindada no Rio de Janeiro em 1952/55; foi Diretor de Motomecanização do Exército em 1956/57; foi chefe do Departamento de Produção e Obras em 1963/64; e foi integrante do Comando Supremo da Contra-Revolução Democrática de 1964.

Casou-se com Iolanda Gibson Barbosa (1910-91), depois Iolanda Barbosa Costa e Silva, filha de um general e neta de um marechal. Conheceram-se em 1920, quando Arthur ainda era cadete, no Rio de Janeiro. Noivaram em 1924 e casaram-se em 1926. O casal teve somente um filho, Aécio, que lhes deu quatro netos.

As principais atividades e funções de Costa e Silva foram as seguintes: concludente da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME) em 1938; Instrutor-adjunto de tática geral na ECEME em 1940; estagiário nos EUA de janeiro a junho de 1944; Comandante do 9º Regimento de Infantaria (Pelotas) em 1948/49; Adido militar na Embaixada do Brasil na Argentina em 1950/52; promovido a General de Brigada em 02 Ago 1952; Comandante da 2ª Brigada de Infantaria (Caçapava, SP) em 1954/55; Comandante da 3ª Região Militar (Porto Alegre) em 1957/59; promovido a General-de-Divisão em abril de 1958; Comandante da 2ª Divisão de Infantaria em 1959/61; promovido a General de Exército em 25 Nov 1961; Comandante do 4º Exército (Recife) em 1961/62 (atualmente Comando Militar do Nordeste - CMNE); Chefe do Departamento Geral de Pessoal em 1962/63; Revolucionário na Contra-Revolução Democrática de 1964; Ministro de Minas e Energia entre 4 e 17 de abril de 1964; Ministro da Guerra em 1964/66; em 13 Nov 1965, foi agraciado com a Grã-Cruz da Ordem Militar de

Cristo; e foi Presidente da República em 1967/69.

Durante a gestão de Castello Branco (1964-66), Costa e Silva afastou-se do Ministério da Guerra para candidatar-se às eleições indiretas pela Arena (Aliança Renovadora Nacional). Foi eleito Presidente da República em 3 de outubro, mediante votação indireta na qual a bancada de oposição se absteve de votar. Obtendo 294 votos, sua posse foi em 15 de março de 1967 e seu Vice-Presidente foi Pedro Aleixo.

No mesmo dia da posse entrou em vigor a Constituição de 1967, deixando de vigorar, a partir daquele dia, os quatro atos institucionais (AIs) baixados por Castelo Branco.

Na campanha para a presidência, Costa e Silva escapou de um atentado no Aeroporto Internacional dos Guararapes, Recife, em 25 de julho de 1966, onde era esperado por cerca de trezentas pessoas. O ataque terrorista produziu vários mortos e feridos, dentre os quais faleceu o Vice-Almirante reformado Nelson Gomes Fernandes, ficando conhecido como o Atentado dos Guararapes. Costa e Silva nada sofreu, pois naquele dia seu avião entrou em pane em João Pessoa e ele se dirigiu para Recife de automóvel.

No governo de Costa e Silva houve muita agitação política e movimentos populares e políticos de oposição. A Frente Ampla, liderada por Carlos Lacerda e apoiada por Juscelino Kubitschek e João Goulart, tinha como objetivo

a redemocratização, a anistia, as eleições diretas para presidente e uma nova constituinte. Os protestos populares aumentaram em 1968, com manifestações estudantis denunciando falta de verbas e contra a privatização do ensino público.

Em 26 de junho de 1968, membros da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) lançaram um carro-bomba contra o quartel-general do II Exército, em São Paulo. Mário Kozel Filho, soldado que era sentinela naquele momento, dirigiu-se ao carro e morreu quando a carga de dinamite explodiu. Foram feridos gravemente outros seis militares.

Neste contexto e com o recrutamento da luta armada Costa e Silva instituiu o Ato Institucional-5 (AI-5), que lhe conferia poder para fechar o Congresso, cassar políticos e professores e indicar governadores e prefeitos. A economia apresentou crescimento durante o período, tanto na área industrial quanto na facilidade de crédito, política salarial e estabilidade na inflação. Delfim Netto foi o Ministro da Fazenda. Em agosto de 1969, Costa e Silva sofreu uma trombose cerebral e foi afastado do cargo, sendo substituído por uma junta militar. Faleceu no Rio de Janeiro, em 17 de dezembro de 1969, três meses e 16 dias depois de ter sofrido um derrame cerebral, tendo completado 48 anos de serviço e dedicação à Pátria.

A FAHIMTB E SUA ANTECESSORA, A AHIMTB

A **Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB)** foi fundada em Resende, RJ, em 1º de março de 1996 e reorganizada em 23 de abril de 2012 como Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), com sede no interior da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), e mais cinco academias federadas:

- A **AHIMTB/RESENDE** – Academia Marechal Mário Travassos, junto à FAHIMTB na AMAN e presidida pelo acadêmico emérito Cel Claudio Moreira Bento;

- A **AHIMTB/Distrito Federal** – Academia Marechal José Pessoa, com sede no Colégio Militar de Brasília, sob a presidência do acadêmico emérito Gen Div Arnaldo Serafim;

- A **AHIMTB/Rio de Janeiro** – Academia Marechal João Batista de Mattos, com sede na Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB/RJ) e sob a presidência do acadêmico emérito Eng Ten R/2 Art Israel Blajberg;

- A **AHIMTB/Rio Grande do Sul** – Academia General Rinaldo Pereira da Câmara, com sede no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) e sob a presidência do acadêmico emérito Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis;

- A **AHIMTB/São Paulo** – Academia General Bertoldo Klinger, com sede no Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba (IHGGS), sob a presidência do acadêmico Historiador Adilson Cesar, também o presidente do citado Instituto. As citadas AHIMTB funcionam com delegações de poderes específicos da FAHIMTB e AHIMTB/Resende.

A AHIMTB foi fundada na data do aniversário do término da Guerra do Paraguai e do início do ensino militar na Academia Militar das Agulhas Negras em Resende. Teve, como sua sucessora, a FAHIMTB e as AHIMTB federadas, que são destinadas a desenvolver a História das Forças Terrestres do Brasil: Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Forças Auxiliares e outras forças que as antecederam desde o Descobrimento.

A FAHIMTB, com sede e foro em Resende mas de amplitude nacional, tem como patrono o Duque de Caxias e como patronos de cadeiras historiadores militares terrestres consagrados.

O TUIUTI

Informativo oficial da AHIMTB/RS

Para visualização, recomendamos o uso de um leitor de PDF atualizado (ADOBE Reader ou equivalente, versão 5.0 ou superior) com as opções do Menu **View**, ítem **Page Display**, **Two Page View**, **Show Gaps Between Pages** e **Show Cover Page in Two Pages View** ligadas. Dessa forma, a publicação será exibida na forma projetada. Caso seu programa esteja em Português, escolha no Menu **Visualizar**, o ítem **Exibição da Página**, clique em **Exibição em Duas Páginas** e **Exibir Página de Rosto em Exibição em Duas Páginas**.



O **Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis** é responsável pelo projeto gráfico e pelo design do informativo **O Tuiuti**, do que muito se orgulha. Com o objetivo de divulgar a História, sobretudo em seu viés militar, o Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis tem, como missão, levar ao máximo possível de pessoas o conhecimento da História Militar, divulgando sua importância, resgatando os seus valores e as suas memórias, fornecendo subsídios para uma educação integral e de qualidade. Nossa postura é absolutamente independente, livre de qualquer posição política ou religiosa, voltada unicamente para a preservação e divulgação do conhecimento histórico, sem qualquer conexão com entidades que não tenham cunho explicitamente cultural. Mais informações no endereço digital **www.nucleomilitar.com**

Apoio à FAHIMTB:





AHIMTB / RS

ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR
TERRESTRE DO BRASIL / RS

